

## O Acompanhamento Terapêutico como possibilidade de escuta em uma ILPI

---

*Giovanna Diaz Rebello*

*À minha avó Jucy,*

*Nas tardes em que a acompanhava  
eu era também acompanhada por ela*

*eu já não sabia  
quem acompanhava quem*

*Ouvindo suas histórias,  
aprendi sobre a importância de falar  
e sustentar a própria história  
do começo ao fim.*

**E**sta experiência de acompanhamento terapêutico (AT) ocorreu a partir do curso ministrado pela equipe da Clínica Tempo, sendo traçada e pensada como proposta de uma prática supervisionada por acompanhantes terapêuticos (ats) dessa mesma equipe. O grupo de supervisão possibilitou a sustentação dessa caminhada: teórica, vivencial, mas também afetiva, ao topar tatear com o corpo um mapa institucional desconhecido.

O campo de atuação ocorreu em uma instituição de longa permanência para idosos (ILPI) na cidade de Londrina, no estado do Paraná. Seus moradores chegam ao serviço pelo âmbito público (SUS) e também pelo privado, acolhendo pessoas idosas oriundas de diferentes realidades socioeconômicas.

A instituição escutou e, ao mesmo tempo, acompanhou de perto o trabalho de AT com um misto de receptividade e resistência, por parte do espaço como um todo: seu interior, no qual faziam parte as dinâmicas relacionais, as rotinas já estabelecidas, os sons, as paredes, as questões de convivência entre moradores e as cadeiras em que cada morador ocupava habitualmente (fazendo desse espaço um lugar seu).

### **Entrando na instituição: acolhimentos, vinculações e estranhamentos**

*“Talvez  
o desenho do mapa se faça  
a cada passo  
que a gente dá.”  
(Cristina Rioto)*

A sensação de adentrar uma instituição, a partir da lente do acompanhamento terapêutico, possibilitou sentir a clínica de uma forma diferente da experiência que ocorre habitualmente em um consultório de psicologia, na posição de quem escuta.

Ao chegar e apresentar a proposta do acompanhamento, foi acordado um momento inicial para conhecer os idosos, me apresentando a eles e participando, pouco a pouco da rotina institucional durante uma tarde, uma vez por semana. Conforme os encontros na instituição transcorreram, foram realizadas reuniões com os coordenadores mediadas pelos supervisores da Equipe Tempo. Essas conversas com a ILPI tiveram como função estabelecer com maior clareza e direção o papel e a função de um acompanhante terapêutico ali. Diante dessas reuniões para alinhar as questões citadas, a resposta da instituição, com frequência, consistiu em tentativas de adequar o lugar do acompanhante terapêutico (at) às demandas apresentadas naquele momento, ou seja, requisitando uma função voltada para atividades grupais com os idosos, objetivando estimular a interação entre eles.

A instituição costumava oferecer diversas propostas de atividades manuais para os idosos e também mantinha parcerias com escolas, grupos de jovens, projetos artísticos ou entidades de cunho religioso que participavam com frequência das atividades que aconteciam no espaço. Assim sendo, fui participando e me inserindo nesses grupos que aconteciam no cotidiano da ILPI.

Durante as conversas institucionais, foi sendo pontuada e negociada a possibilidade de que eu pudesse acompanhar alguma pessoa de forma mais próxima e, portanto, individual, mesmo entendendo que diante das diversas demandas, as atividades geralmente acabavam sendo organizadas de forma grupal. A instituição por vezes concordou com a nossa proposta, possibilitando a formação de vínculo com uma idosa, ainda que com frequência voltava a reforçar a importância das atividades grupais devido ao número elevado de residentes no local.

Observando essa aceitação e resistência ao papel do acompanhante terapêutico, o lugar ocupado na instituição oscilou entre participar de momentos conjuntos, nos quais idosos assistiam televisão ou participavam de alguma atividade proposta pelos funcionários e, por outro lado, consistiu em uma aproximação maior com alguns moradores, tendo me vinculado bastante com uma das idosas em particular.

Ao chegar na instituição, percebi o espaço físico, que consistia em uma área quadrada, por onde alguns idosos apreciavam fazer caminhadas, curtas ou longas, além de contar com um jardim no centro com uma horta. A configuração desse lugar e suas movimentações me remeteram um pouco ao movimento do acompanhante terapêutico que vai se implicando, aos poucos, e conforme a abertura, em uma caminhada lado a lado, compartilhada. O movimento de andar pela instituição ocorreu ao lado das pessoas idosas que ali moravam, alguns familiares que visitavam e com os funcionários, caminhando junto às histórias

que circulavam de forma livre, contadas e confiadas na intimidade de um encontro.

Ocorreram alguns passeios e saídas com idosos para fora da instituição. Além disso, foram muito importantes os momentos de poder pausar e, na permanência, escutar com maior presença experiências individuais, necessidades ou desejos das pessoas que ali moravam, assim como de seus cuidadores.

Acredito que chegar nessa instituição e localizar suas demandas foi desafiador na tentativa de conciliar e negociar dois olhares muito distintos. Um olhar foi sendo direcionado para os vínculos que iam sendo construídos individualmente, na singularidade dos encontros e também na permissão (assim como na não permissão) concedida por cada morador, enquanto, por outro lado, acontecia uma tentativa de voltar o olhar para o coletivo.

### **“Posso entrar?”: quando a permissão é concedida na porta de um quarto**

Ao bater na porta de um quarto, era imprevisível se minha entrada ali seria permitida, e quem eu encontraria do outro lado. As pessoas eram completamente diferentes, com reações únicas, impossíveis de prever.

Entrar em um quarto era mobilizador, pois significava entrar na casa de alguém, principalmente nos quartos de idosos acamados. A visita de alguém conhecido, como no caso de familiares, vinda de fora da instituição, era um momento sempre muito aguardado pelos idosos. Era comovente ouvir uma senhora relatar a espera de uma visita há dois anos, quando, na realidade, sua última visita havia ocorrido há apenas duas semanas.

Senti que a instituição e as pessoas que a compunham me receberam de forma acolhedora. Ao finalizar um encontro, sentia que algo na fala ou no gesto de um idoso fazia uma marca afetiva. Assim, algo que eu achava importante sempre ficava comigo depois de cada dia caminhando naquele espaço. A moradora Aurora, como vou chamá-la aqui, foi uma pessoa que desde o primeiro encontro se revelava mais por seus gestos e por sua curiosidade do que por qualquer tipo de verbalização. Insistia em me mostrar o que tinha dentro de uma bolsa, um “segredo”, como ela mesma definiu. Então, iniciava um movimento no qual tirava diferentes presilhas da bolsa, enquanto íamos explorando e entendendo: “essa aqui amarra mais o cabelo”, concordávamos, ou então “essa aqui é menorzinha”. No fim dessa interação, ela diz que gostaria de ter um anel. Na semana seguinte, ao chegar no quarto de Aurora, ela me mostrou que ganhou um anel colorido.

Ao andar pelos quartos, mas também ao caminhar para fora deles, ficava me perguntando como o at poderia conectar o que acontecia ali dentro com a parte de fora da instituição, em um contexto em que muitas pessoas idosas não saíam para fora do espaço da ILPI e nem recebiam visitas. Nesse sentido, certo dia, ao acompanhar um morador a um banco para que ele pudesse resolver e receber orientações sobre suas pendências financeiras, houve um momento que me marcou, quando uma pessoa entrou no banco e reconheceu o senhor que eu

acompanhava. Parecia comovido, e resolve me perguntar: “O que aconteceu com ele? Ele sempre andava por aqui. Foi Alzheimer?”.

Acredito que o que me mobilizou naquele momento foi o fato do morador que eu estava acompanhando ter sido reconhecido por alguém que estava no mesmo espaço que ele, ultrapassando o espaço onde este senhor residia, no contexto da instituição de longa permanência. Ouvir as palavras daquela pessoa me fez pensar sobre a história do idoso que eu acompanhava, em um momento anterior à sua chegada na instituição.

### **Marcas de identidade: afinal, quem são os moradores desta instituição?**

“Na avenida deixei lá  
A minha fala, minha opinião.  
A minha casa, minha solidão.

(...)

Eu vou cantar, me deixem cantar até o fim.”  
(Elza Soares em *Mulher do Fim do Mundo*.)

Na hora do café da tarde, os pratos contavam com nomes de cada morador escritos em suas beiradas. O objetivo era que cada um ali tivesse uma refeição mais personalizada, de acordo também com as necessidades de cada um, incluindo restrições alimentares, e facilitar a distribuição dos alimentos.

O nome no contorno dos pratos pintado com esmalte vermelho remeteu-me, de alguma forma, a uma identidade, a uma marca de humanização por parte da instituição e dos funcionários. Em outros momentos, o olhar humanizado parecia falhar.

Continuava a caminhar pelos espaços e a me sentar ao lado dos moradores, assistia televisão, ouvia um comentário, tentava adivinhar a resolução das charadas do Alfredo, que carregava um toca CD no qual ouvia músicas, rádio e recebia notícias sobre times de futebol. Nesses momentos, ele preenchia o corredor com seu som e não havia o que o impedisse.

Conforme eu caminhava, não só pelo espaço, mas principalmente em direção a uma aproximação com os moradores, alguns deles foram mostrando maior abertura durante os encontros. Alguns se arriscavam a conversar mais, se soltavam aos poucos ou de forma brusca, já outros sugeriam a partir do gesto que eu permanecesse mais, por enquanto, desta vez. Por outro lado, outros idosos pediam que eu me afastasse de forma enfática, delimitando seus limites.

Em determinado dia, chamou-me a atenção a interação com Nina já que ela costumava ficar isolada, afastada do restante dos idosos, não interagindo muito com as pessoas. No entanto, ao propor uma atividade com lápis de cor, Nina topa e começa a pintar dois desenhos, todos de amarelo. A moradora também cantou bastante nesse encontro, quando na televisão passavam músicas das quais ela se recordava.

Angela, moradora que se juntou a pintar conosco nessa atividade, usou várias cores e foi intercalando as possibilidades. Ela verbaliza que não conseguiu finalizar a pintura de seu desenho, a figura de uma casa escolhida por ela. Eu concluo que ela pintou uma parte muito importante do desenho: a porta de entrada. Angela dá risada. Em certo momento, nessa interação com ambas, percebo que Nina pega um artesanato, parece uma fogueira feita de EVA que se encontra em cima da mesa. Aos poucos, Nina abre a fogueira, e à medida que faz esse movimento, ela também abre um pouco sobre sua vida pessoal, e então começa a falar como se estivesse falando há um tempo comigo.

Glória foi outra moradora que me fez refletir. Ao ouvi-la, pensava nas vulnerabilidades que atravessam cada pessoa ali, as marcas pessoais que cada um carregava consigo. Neste caso, Glória sofreu um acidente com um fogão que a levou a receber um atendimento de urgência de um hospital na cidade de Londrina. Glória chega na ILPI após sua recuperação no hospital, por não contar com uma rede de apoio. Glória trouxe em uma conversa a palavra “suja” e comenta de uma doença que a impossibilita de usar um terço, um colar, remetendo talvez à questão da identidade, de tudo o que a caracterizava e como foi perdendo isso. Ela me explicou algumas vezes que precisava sair da instituição. Em uma ida ao banco na qual fomos juntas, Glória conta que ali as pessoas a conheciam, enquanto agora, devem imaginar que ela morreu: “Aqui eu conhecia umas pessoas, elas devem ter achado que eu morri. Eu vou precisar fazer um filme. Um filme do começo...”

No decorrer dos encontros na instituição, também estiveram presentes o tema do gênero e da sexualidade. Ao entrar no quarto de Margaret e ao me apresentar, algo me atravessou, quando ela pergunta meu nome novamente: “Giovan ou Giovanna? “Você tem seios, você é mulher.”

O tema da sexualidade, que aparecia em diversos momentos na fala dos idosos, em desenhos, ou em outras circunstâncias, fazia-me pensar no lugar daqueles moradores. Refletia sobre como é a sensação de viver na instituição. Como ficariam ali refletidas, ou quiçá apagadas, as questões de identidade de uma pessoa, mas também como é se sentir - ou não mais - mulher, neste espaço.

### **Tempo para concluir...**

“Se o tempo de perder for o mesmo de encontrar?”  
(Geni Nuñez em *As monoculturas do Tempo.*)

A prática supervisionada de AT vivenciada nessa instituição, apontou-me para outras formas de estar e de ouvir, que podem fazer muito sentido, que respeitam um tempo de construção compartilhada: “a delicadeza de se pensar um sentido”, como indicou a professora Cláudia Segura, no curso ministrado “Acompanhamento Terapêutico no envelhecimento - um dispositivo clínico”, no ano de 2023.

Para mim essa experiência representou uma possibilidade de escutar pessoas a partir de outro lugar, outra lógica que pode acontecer ao pintar um desenho, mesmo que seja só a porta da casa, ou mesmo ao abrir uma fogueira simbólica aos poucos. Ir ao banco – e ouvir um pedestre, o taxista, o senhor que se comove, a senhora que está ao nosso lado no banco e que também tem uma história – podem ser possibilidades para uma escuta atenta. Por outro lado, o AT se desdobrou nesse espaço como uma chance de narrar algo daquilo que se deseja contar em primeira pessoa, no singular.

## Referências

ELZA SOARES. **Mulher do fim do mundo**. São Paulo: Circus, Natura Musical, 2015. Disponível em: [GRMA26006 M001 yt pt BR wk1 26 brand personal CreaProj canv fr grp dctyp na confidence testimnl gnr](#). Acesso em: 12 abril 2026.

NÚÑEZ, G. As Monoculturas do Tempo. In: AZEVEDO, C. D. (Org.). **Velhices: Perspectivas e cenário atual na pesquisa idosos no brasil**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo; Fundação Perseu Abramo, 2023. p. 147.

RIOTO, C. **Guardar um corpo com palavras**: poemas. São Paulo Editora Planeta, 2025.

*Data de recebimento: 15/04/2026; Data de aceite: 10/05/2026*

---

**Giovanna Diaz Rebello** - Psicóloga formada pela Universidade Estadual de Londrina (2021), com pós-graduação em Cuidados Paliativos. Atualmente atua no Hospital Universitário de Londrina (AEHU-UEL), com foco no atendimento de crianças e adolescentes. Na prática clínica, direciona seu trabalho para temas relacionados à diversidade e saúde da população LGBTQ+. Contato: [giovannadiazrebello.psi@gmail.com](mailto:giovannadiazrebello.psi@gmail.com)



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.